

Experienciar a máscara colonial: corpografia de um corpo negro violentado pelo real

*Experiencing the Colonial Mask: Corpography of
a Black Body Violated by Reality*

*Experimentar la máscara colonial: corpografía de
un cuerpo negro violentado por lo real*

Rafael Campos¹

Universidade do Porto

E-mail: arqrafaelcampos@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6205-8062>

Thiago Liberdade

Universidade do Porto

E-mail: thiagoliberdade@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6473-355X>

RESUMO

Tuca Malungo, um tigre ancestral, manifesta-se no corpo do primeiro autor em aparições que confrontam a anestesia do liberalismo existencial que imuniza afetos. Sua máscara colonial aciona dores ancestrais que persistem na contemporaneidade, visibiliza o que a amnésia social apaga e promove uma conexão visceral com o real. A obra é enriquecida pela poética do segundo autor, cujas fotografias e ensaio visual ativam outras camadas do sensível. Apresenta-se a corpografia, uma cartografia com e no corpo negro, no e do jardim da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, como tática de (des)(re)organizar o significado histórico do espaço. Trata-se de um modo de elaborar o trauma colonial em busca da desalienação e fazer do corpo território de libertação.

Palavras-chave: *corpo negro; corpografia; colonialismo; máscara colonial; aparição.*

ABSTRACT

Tuca Malungo, an ancestral tiger, manifests in the body of the first author in appearances that confront the anesthesia of existential liberalism that immunizes affections. His colonial mask triggers ancestral pains that persist in contemporary times, makes visible what social amnesia erases, and promotes a visceral connection with reality. The piece is enriched by the poetic of the second author, whose photographs and visual essay activate other layers of the sensitive. The corpography, a cartography with and in the black body, in and of the garden of the Faculty of Fine Arts of the University of Porto, is presented as a tactic to (dis)(re)organize the historical meaning of space. It is a way of elaborate the colonial trauma in search of disalienation and make the body a territory of liberation.

Keywords: *black body; corpography; colonialism; colonial mask; appearances.*

RESUMEN

Tuca Malungo, un tigre ancestral, se manifiesta en el cuerpo del primer autor en apariciones que confrontan la anestesia del liberalismo existencial que inmuniza afectos. Su máscara colonial activa dolores ancestrales que persisten en la contemporaneidad. visibiliza lo que la amnesia social borra y promueve una conexión visceral con la realidad. La obra se enriquece con la poética del segundo autor, cuyas fotografías y ensayo visual activan otras capas de lo sensible. Se presenta la corpografía, una cartografía con y en el cuerpo negro, en y del jardín de la Facultad de Bellas Artes de la Universidad del Oporto, como táctica para (des)(re)organizar el significado histórico del espacio. Se trata de una manera de elaborar el trauma colonial en busca de la desalienación y hacer del cuerpo un territorio de liberación.

Palabras clave: *cuerpo negro; corpografia; colonialismo; máscara colonial; aparición.*

Data de submissão: 19/05/2024

Data de aprovação: 27/07/2024



CAMPOS, Rafael; LIBERDADE, Thiago. **Experienciar a máscara colonial: corpografia de um corpo negro violentado pelo real.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 14, n. 32, set.-dez. 2024
ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.52663> >

Introdução

Marina Garcés, em *A honestidade com o real* (2022), argumenta que a força da arte contemporânea, política e envolvida com os problemas atuais, reside na sua honestidade com o real. Para isso, deve considerar três anseios: pela verdade, por nós e pelo mundo. Ser honesto implica engajar-se plenamente, romper com a anestesia do liberalismo existencial e afetar-se pela realidade. Uma violência que é dupla: contra si mesmo e contra o real, exigindo a destruição interna para recompor novas alianças, escutar e acolher a transformação. Garcés defende que devemos ver o mundo não como um campo de interesse distante, mas como um campo de batalha onde nós estamos imersos, que desafia nossas seguranças e identidades e em que somos os primeiros afetados.

Sendo assim, com nossos corpos negros brasileiros, refazemos a travessia do Atlântico ao contrário dos ancestrais para ocupar o território do colonizador. Somos corpos que desarticulam as coordenadas da realidade, corpos feridos, resistentes, dissidentes da sexualidade hegemônica. Desenvolvemos investigações artísticas na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP) e apresentamos aqui a corpografia² (Britto; Jacques, 2008; Campos; Santos, 2021; Freire, 2019) da Aparição³ (Campos, 2023; Caridade, 2021) *Tuca Malungo*, que aconteceu no festival Á-briu de performances, em 2023, e teve o jardim colonial do palacete como campo de batalha. A corpografia une nossas poéticas para provocar rupturas e lutar contra o racismo, evidenciando as violências raciais presentes no corpo/território e buscando a transformação social.

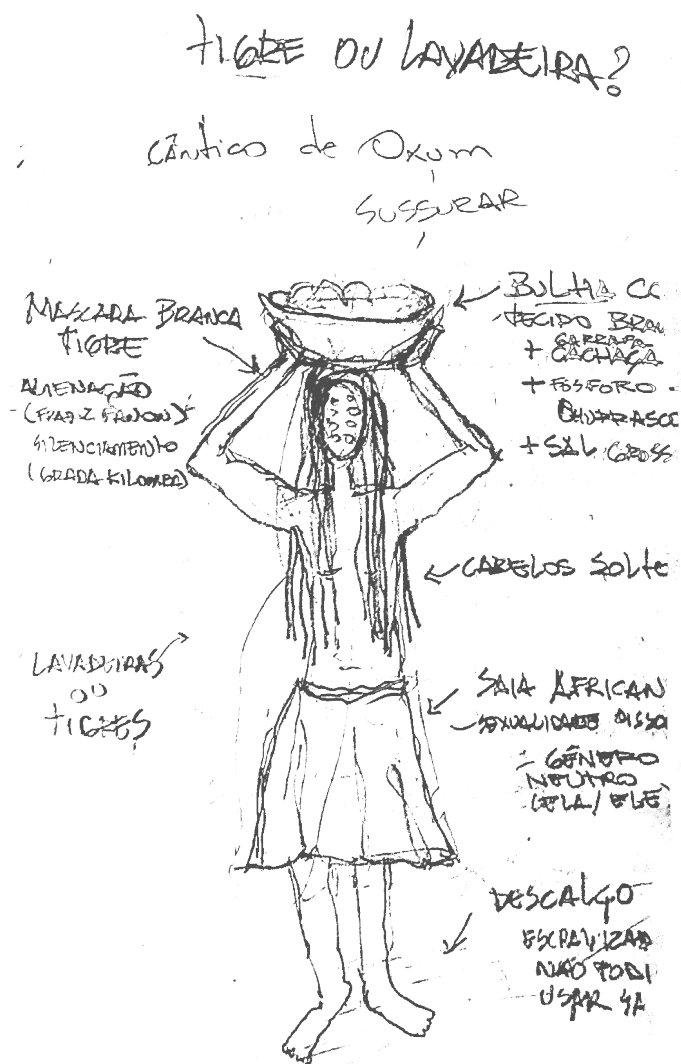


MÁSCARA QUE SE USA EM NEGROS QUE TEM O HÁBITO DE COMER TERRA. Arquarela de Jean-Baptiste Debret (Entre 1820 e 1930) Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jean_Baptiste_Debret_-_M%C3%A1scara_que_se_usa_nos_negros....jpg.



CAMPOS, Rafael; LIBERDADE, Thiago. **Experienciar a máscara colonial: corpografia de um corpo negro violentado pelo real.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 14, n. 32, set.-dez. 2024
ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.52663> >



Os tigres, escravizados mais violentados pelo colonialismo, carregavam bulhas cheias de água servida, que transbordavam e queimavam suas peles. Debret retratou um desses ancestrais na sua aquarela *Máscara que se usa em negros* (1920-1930), que indica o interesse na máscara e não no indivíduo. Debret, fundador da Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro, publicou *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* (1834-1839), que documentava a sociedade brasileira no início do século XIX, reforçando a narrativa eurocêntrica alienante sobre corpos negros. Busca-se a conexão com o ancestral invisibilizado que presentifica-se no corpo como políticas de existência e memória, promovendo reflexão e cura.

CAMPOS, Rafael; LIBERDADE, Thiago. Experienciar a máscara colonial: corpografia de um corpo negro violentado pelo real.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFGM. v. 14, n. 32, set.-dez. 2024
ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.52663> >



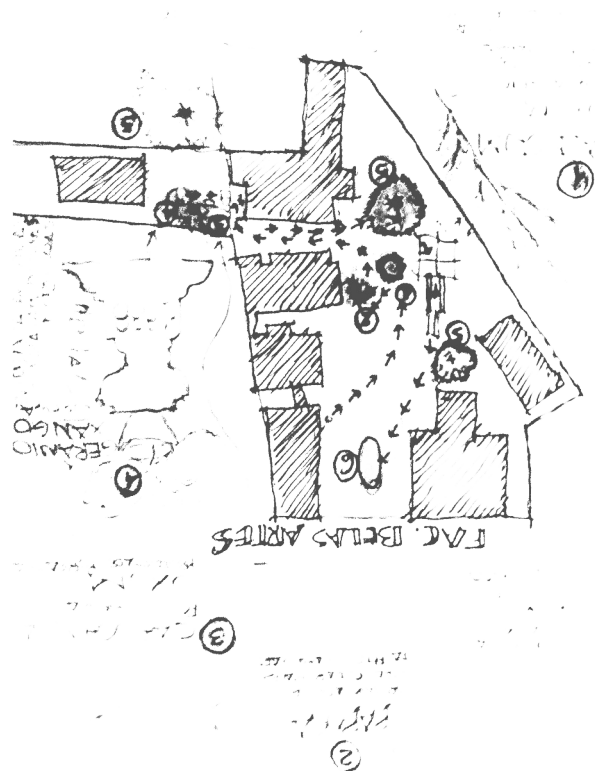
O Palacete da FBAUP é patrimônio histórico da cidade e rememora as famílias Forbes e Braguinhas, conhecidos como “brasileiros torna viagem”, que, na verdade, eram portugueses que foram para o Brasil colônia para enriquecer às custas da exploração de outros corpos/territórios. Ao retornarem, compraram títulos de nobreza e construíram diversos palacetes, principalmente na freguesia do Bonfim, que ficou conhecida por seus habitantes.

A memória dessas famílias está registrada em cada pedra do palacete e preservada pelas instituições de memória portuguesa. Em contrapartida, os corpos negros que eles exploraram foram apagados da história. O colonialismo fundou as bases do capitalismo contemporâneo e teve o racismo como princípio, que permeou a construção das cidades, edificações, jardins e se atualiza nas relações interpessoais. Os espaços não são passivos nesse processo, são agentes que atualizam discursos e debates sociais.



CAMPOS, Rafael; LIBERDADE, Thiago. **Experienciar a máscara colonial: corpografia de um corpo negro violentado pelo real.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 14, n. 32, set.-dez. 2024
ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.52663> >



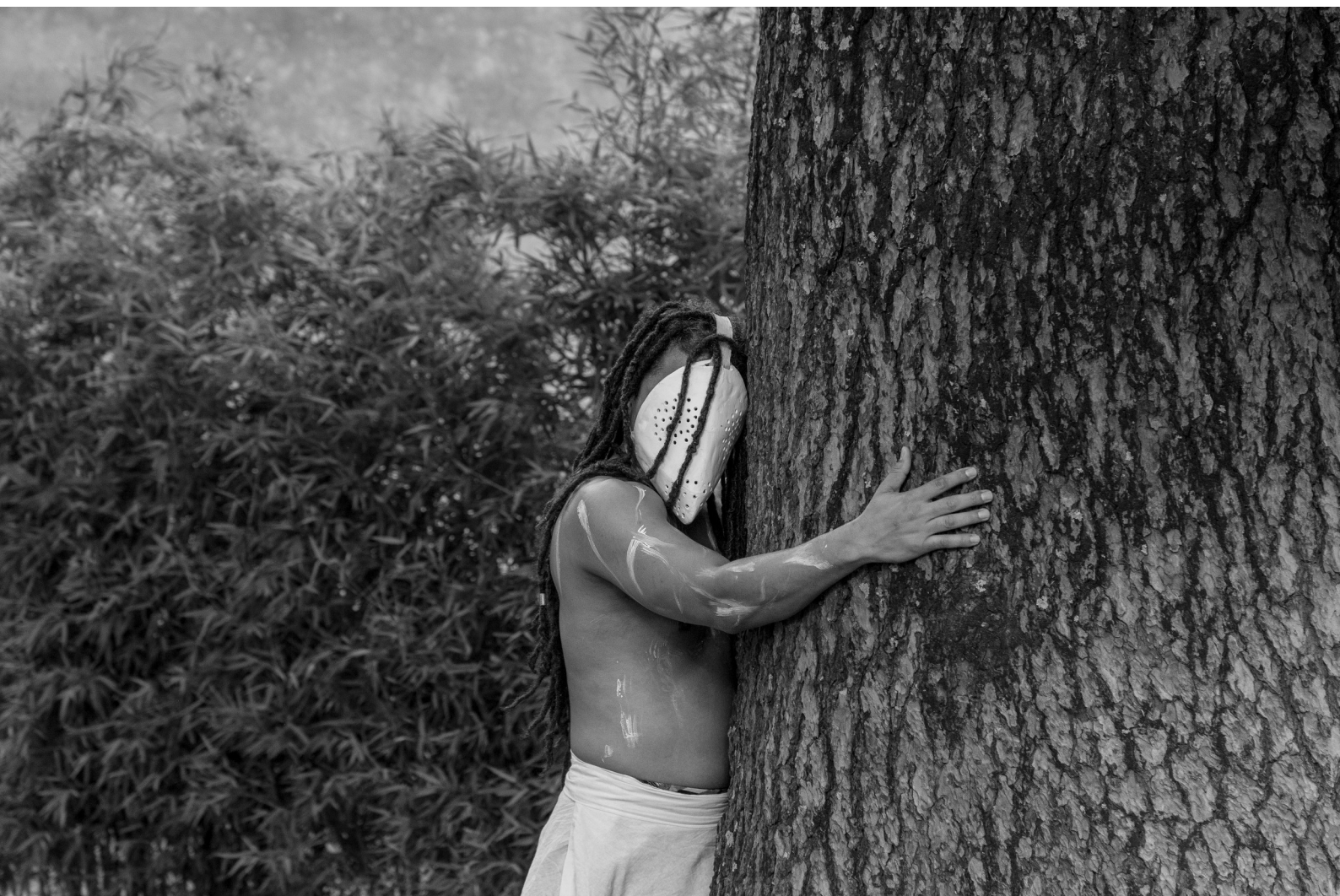
O jardim do palacete foi executado por José Braga Júnior, o segundo “Braguinha”, então vice-cônsul do Brasil em Porto, conhecido por suas festas para a burguesia da época. Ele encomendou o projeto ao paisagista belga Florent Claes, que seguiu a tendência “tropical”, buscando imitar as paisagens das colônias e criar um “museu de história natural” com espécies “exóticas” trazidas principalmente da América do Sul. Esse jardim serve como metáfora das ações extrativistas coloniais que sequestravam pessoas e plantas de seus territórios para cumprir funções em outros locais. Os ancestrais vegetais ainda estão vivos e aprisionados no jardim tropical, cumprindo a função de embelezar a casa portuguesa. O olhar eurocêntrico alienante reforça a ideia de que toda a flora e fauna não europeia é “exótica” e criou um jardim particular para o prazer e entretenimento da classe média colonial. Atualmente, a faculdade mantém seus portões fechados e cobra preços abusivos para os estudantes, com estrangeiros pagando até três vezes mais do que os nacionais, o que atualiza a exclusividade do espaço para a burguesia contemporânea.



CAMPOS, Rafael; LIBERDADE, Thiago. **Experienciar a máscara colonial: corpografia de um corpo negro violentado pelo real.**

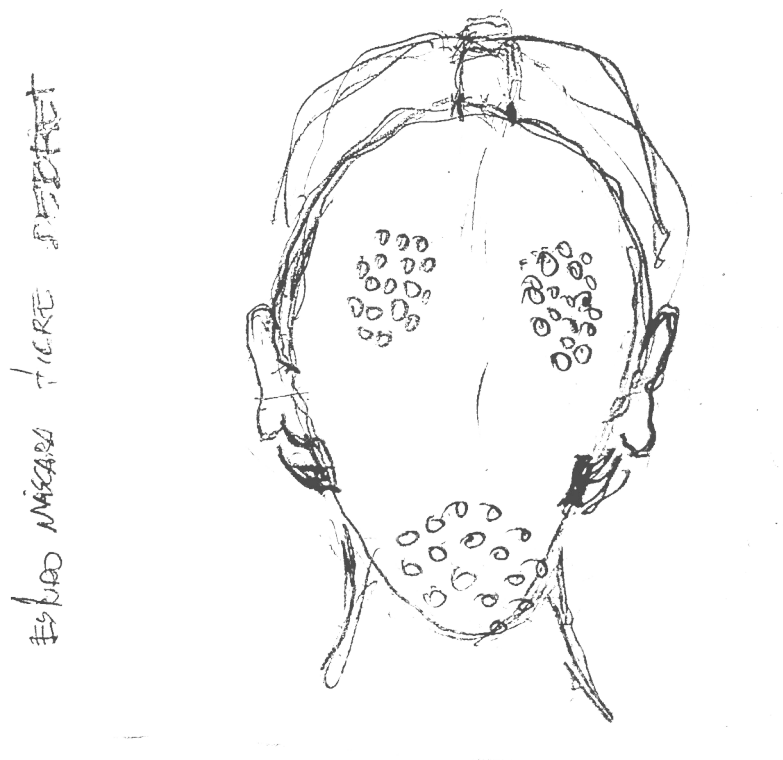
PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 14, n. 32, set.-dez. 2024

ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.52663> >



CAMPOS, Rafael; LIBERDADE, Thiago. **Experienciar a máscara colonial: corpografia de um corpo negro violentado pelo real.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFG. v. 14, n. 32, set.-dez. 2024
ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.52663> >



Tuca ativou as espécies estrangeiras, fazendo as lembrar suas origens. Ele compôs seu banho de ervas sagradas de acordo com as religiões de matriz africana, colhendo as plantas dos Orixás. Sete lírios de Oxum foram usados para paz de espírito, clareza mental e amadurecimento, para purificar o ambiente e absorver energias negativas de pessoas ou espíritos. Um punhado de alecrim, planta associada a Oxum, Oxalá, Iemanjá e Oxóssi, foi utilizado para limpeza espiritual e rituais de iniciação, além de espantar espíritos obsessores e fortalecer a memória. A babosa cura males da pele e cicatriza feridas, a planta de origem africana vibra na energia de Omolu e Ogum. A capuxinha de Oxum é uma espécie alimentícia não convencional, planta pioneira que se embrenha em frestas e rompe territórios nascendo por conta própria, tem propriedades purgativas e proporciona limpeza interna. O gerânio é a planta que vibra na energia de Xangô, o orixá da justiça, e foi utilizada para evidenciar as coisas que estão ocultas ou disfarçadas.



CAMPOS, Rafael; LIBERDADE, Thiago. **Experienciar a máscara colonial: corpografia de um corpo negro violentado pelo real.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 14, n. 32, set.-dez. 2024

ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.52663> >



CAMPOS, Rafael; LIBERDADE, Thiago. **Experienciar a máscara colonial: corpografia de um corpo negro violentado pelo real.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFG. v. 14, n. 32, set.-dez. 2024

ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.52663> >



Em 1888 foi abolida a escravidão no Brasil e um pedestal vazio rememora a data no jardim. Um vaso de gerânio foi colocado acima dele. A flor de Xangô é força imparcial e impiedosa da verdade, que rompe com ilusões. A sua essência atua no ego, um elemento de fogo que movimenta a justiça divina em situações em que a pessoa se encontra em uma realidade distante daquela que deveria viver.

CAMPOS, Rafael; LIBERDADE, Thiago. **Experimentar a máscara colonial: corpografia de um corpo negro violentado pelo real.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFG. v. 14, n. 32, set.-dez. 2024

ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.52663> >



Garcés (2022) inicia seu texto com a citação de Flaubert “com minha mão queimada escrevo sobre a natureza do fogo”, e nós aqui corpografamos com as mãos marcadas pelo racismo sobre a natureza da violência racial. As queimaduras na pele representam as experiências do racismo cotidiano que não são um fato isolado, mas um acumular de episódios que reproduzem o trauma da história colonial e que nos colocam de volta em um cenário colonial como a/o outra/o. (Fanon, 2020; Kilomba, 2019). A máscara que sufoca e invisibiliza é uma metáfora para o colonialismo como um todo, representando um processo de invisibilização e animalização de nossos corpos. É a branquitude que precisa ser carregada sobre a cabeça, exaltada e reafirmada, mesmo enquanto sufoca e estrangula aqueles que não estão associados a ela.



CAMPOS, Rafael; LIBERDADE, Thiago. **Experienciar a máscara colonial: corpografia de um corpo negro violentado pelo real.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFG. v. 14, n. 32, set.-dez. 2024
ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.52663> >

Quantas marcas de violências coloniais vivem em um jardim?



CAMPOS, Rafael; LIBERDADE, Thiago. **Experimentar a máscara colonial: corpografia de um corpo negro violentado pelo real.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 14, n. 32, set.-dez. 2024
ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.52663> >



CAMPOS, Rafael; LIBERDADE, Thiago. **Experienciar a máscara colonial: corpografia de um corpo negro violentado pelo real.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 14, n. 32, set.-dez. 2024
ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.52663> >

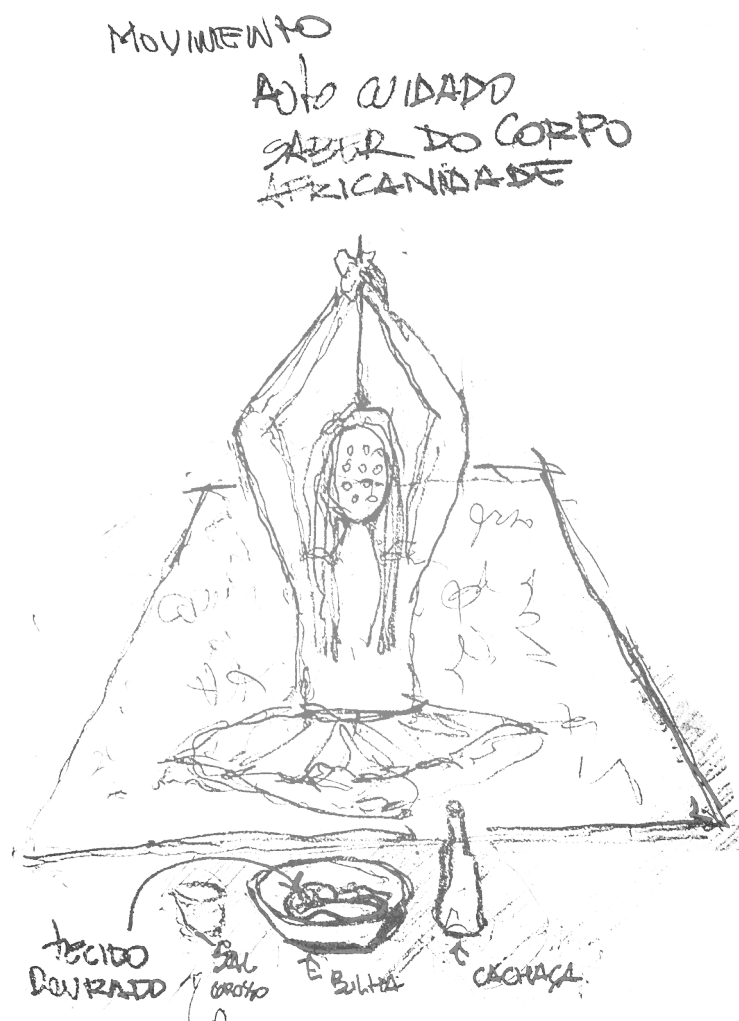
A desalienação de nossos corpos e mentes são processos dolorosos, foi preciso corporificar, entoar pontos Oxum, fazer a gira girar, lutar para livrar-se das marcas de violência que a branquitude deixaram no corpo/território, foi preciso morrer. Abdias do Nascimento afirmava que o genocídio do negro brasileiro abrange todas as formas de aniquilação de um povo, seja moral, cultural ou epistemológica. Para ele, a ciência eurocentrista, que se considera isenta e universal, não é adequada para o povo negro, pois foi historicamente utilizada para massacrar e explorar africanos e afrodescendentes. Ele argumentava que nós, negros, precisamos de um conhecimento que nos ajude a teorizar sistematicamente nossa experiência ao longo de cinco séculos de opressão, resistência e luta criativa (Nascimento, 1985).

O meio acadêmico, dominado por acadêmicos/as brancos/as, propagou o mito da ciência como um conhecimento erudito, objetivo, neutro, impondo suas perspectivas como universais. Ao nos relegar ao status de “outras/os”, fomos transformadas/os em objetos de discursos estéticos predominantemente brancos, raramente reconhecidos como sujeitos. Descolonizar o pensamento, portanto, implica em nos tornarmos protagonistas de nossas próprias histórias, uma ação política que visa à libertação individual e coletiva (Fanon, 2020; Kilomba, 2019).



CAMPOS, Rafael; LIBERDADE, Thiago. **Experienciar a máscara colonial: corpografia de um corpo negro violentado pelo real.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFGM. v. 14, n. 32, set.-dez. 2024
ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.52663> >



Esta aparição foi o momento de fazer a cabeça do artista para entidade, criando, assim, uma conexão espiritual entre ambos, nomeando-se pela primeira vez como Tuca Malungo. “Tuca” foi escolhido por ser o primeiro apelido de infância do artista, evocando a criança interior e buscando curá-la de suas dores. “Malungo” era o termo usado para designar o coletivo de africanos que chegavam juntos nos navios negreiros, representando uma identidade reconstituída na diáspora como estratégia de resistência. Os ancestrais vivem, através de nossos corpos, e estão presentes nas plantas, rios, terra, e suas propriedades enérgicas, quando ativadas, possibilitam a superação do trauma, a limpeza física e espiritual, no intuito de trazer paz ao corpo/território ancestral violentado.

CAMPOS, Rafael; LIBERDADE, Thiago. **Experienciar a máscara colonial: corpografia de um corpo negro violentado pelo real.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFG. v. 14, n. 32, set.-dez. 2024
ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.52663> >



CAMPOS, Rafael; LIBERDADE, Thiago. **Experienciar a máscara colonial: corpografia de um corpo negro violentado pelo real.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 14, n. 32, set.-dez. 2024
ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.52663> >



CAMPOS, Rafael; LIBERDADE, Thiago. **Experienciar a máscara colonial: corpografia de um corpo negro violentado pelo real.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFG. v. 14, n. 32, set.-dez. 2024
ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.52663> >



Na essência do Ubuntu, pensamento africano concebida como uma “filosofia do nós” pelo filósofo Tshiamalenga Ntumba, uma concepção de si mesmo como membro integrante de um todo social, que pode ser traduzido como “eu só existo, porque nós existimos”, percebemos o tecido interligado que nos une como humanidade, onde o “eu” encontra significado no “nós”. Assim, percebo-me não apenas entre “Eu e os demais”, mas imerso na teia complexa da existência, onde todas as formas de vida, passadas, presentes e futuras, se entrelaçam em uma dança eterna de conexão e continuidade. Do legado ancestral ao presente, somos portadores das memórias e energias que nos conectam às raízes mais profundas da humanidade. Ao contemplar Tuca Malungo, o tigre ancestral, convidamos a todas as pessoas a embarcar nessa jornada de escuta, crítica e reescrita, honrando nossos antepassados e moldando o futuro livre da dor.



CAMPOS, Rafael; LIBERDADE, Thiago. **Experienciar a máscara colonial: corpografia de um corpo negro violentado pelo real.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 14, n. 32, set.-dez. 2024
ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.52663> >

REFERÊNCIAS

- BRITTO, Fabiana Dultra de; JACQUES, Paola Berenstein. Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. Caderno do PPG-AU/FAUFBA, v. 7, Número Especial 5 Paisagens do Corpo, p. 79-86, 2008.
- CAMPOS, Rafael Alves. Corpografias e aparições: a busca por um modo sensível de ler e grafar a cidade no corpo negro e o corpo na cidade negra. In: **Anais do 9º Encontro em Práticas de Investigação e Educação Artística (EPRAE)**. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2023.
- CAMPOS, Rafael Alves; SANTOS, Rodrigo Gonçalves dos. **Caminhando sobre as águas invisíveis com(o) tigres**: corpografia errante sobre o Rio da Bulha e a negritude em Florianópolis SC. Arqutextos, São Paulo, ano 22, v. 259, n. 14, dez. 2021.
- CARIDADE, Waleff Dias. **Aparições e homens negros**: masculinidades, racismo e a construção por meio do simbólico. 2021. 218 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- FREIRE, Ida Mara. **Diário corpografias**: aprenda a registrar suas memórias corporais. Florianópolis: Potlach Editora, 2019.
- GARCÉS, Marina. **A honestidade com o real**. Belo Horizonte: Chão da feira, 2022. (Série Caderno de leituras, 155).
- JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes**. 1. Salvador: Edufba, 2012.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- NASCIMENTO, Abdias do. O Quilombismo: uma alternativa política afro-brasileira. **Afrodiáspora**, ano 3, v. 6 e 7, p. 19-40, abr./dez. 1985.

REFERÊNCIAS DAS IMAGENS

Thiago Liberdade – Fotos das páginas 1, página 3 superior esquerda e superior direita, página 4 superior, meio e inferior esquerda, página 5 direita superior e inferior, todas da página 6, todas da página 7, todas da página 8, e todas da página 9.

Rafael Campos – Ilustrações das páginas 3, 4 e 7.

Jean Baptist Debret – Aquarela da página 2.

Cristiana Alves – Fotos da página 3 inferior direita, página 4 superior e inferior direita.

Partícula Atelier – Fotos da página 4 meio direito, página 5 esquerda.



Este trabalho está disponível sob a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

CAMPOS, Rafael; LIBERDADE, Thiago. **Experienciar a máscara colonial: corpografia de um corpo negro violentado pelo real**.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFGM. v. 14, n. 32, set.-dez. 2024

ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.52663> >

NOTAS

1 Doutorando Bolseiro da Fundação para Ciência e Tecnologia Ref. 2023.04734.BD.

2 Corpografia é uma cartografia com e no corpo no e do território, que parte do princípio de que o corpo também é episteme, é dimensão relacional com a cidade e que se configuram mutualmente, as marcas da cidade configuram os corpos, assim como os corpos marcam e atualizam territórios. Corpografar é estratégia de pesquisa/reflexão/representação que o primeiro autor desenvolveu na encruzilhada das teorias de corpografias de Freire (2019) e Britto e Jacques (2008; Jacques, 2012) com sua investigação artística de doutoramento.

3 Aparição é um conceito/prática decolonial que problematiza o conceito de performance-arte no contexto da arte contemporânea. Foi cunhado por Lhola Amira, a presença que compartilha o corpo com Khanyisile Mbogwa, artista sul-africana que afirmam que corpos afrodiaspóricos conseguem se conectar com a ancestralidade pelo corpo, dessa maneira, não se trata de performances, mas da presentificação da ancestral no corpo da artista que é guiado por energias, a intuição é tecnologia e estratégia de livramento do incomodo colonial.